

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO: MARIANO PINA.

N.º 10.— VOLUME VI.

PARIS 20 DE MAIO DE 1889.

Escriptorios: Paris, 13, Quai Voltaire.

SEXTO ANNO



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA DECLARANDO ABERTA A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL.



A ABERTURA DA EXPOSIÇÃO

UNCA em Paris se viu um dia tão animado e tão brilhante. Nunca Paris, segundo o testemunho dos velhos parisienses, assistiu a um tão belo espetáculo, a esta festa e a esta alegria d'uma capital imensa saudando a obra grandiosa do trabalho e da inteligência, e ornando as fachadas das casas e os monumentos públicos de bandeiras tricolores e de bandeiras de todos as nacionalidades, para saudar a chegada dos estrangeiros margeis do Sena...

O dia 6 de maio, segundo todos os velhos parisienses, foi além dos mais extraordinários dias de festa do segundo império. E todos quantos assistiram à inauguração da exposição universal 1878 e da exposição universal de 1878, são os primeiros a afirmar que nada pode igualar, nem em esplendor, nem em movimento, nem em alegria, este dia 6 de maio de 1878, em que o sr. Carnot, sob o grande zimbório central do Campo de Marte, rodeado de todos os altos dignatários de França e das comissões estrangeiras das diferentes seções da exposição, declarou aberta a Exposição universal e internacional de Paris.

Imagineiros que um leitor mais sceptico, me nos difícil de entusiasmar, convencido de que as palavras perderiam seu sentido de democracia à outrance a verdadeira significação que outrora tinham, e que nem tudo que se afirma nos jornais ser belo, é realmente belo, — me disculpe o seguinte discurso:

— Meu caro sr. Chronista. Paris é sempre o mesmo Paris. Bandeiras e troféus são sempre bandeiras e troféus, e assim que Paris se enfeita no dia 14 de junho, dia da festa nacional da República. Ora sendo as festas do 6 de maio no mesmo estilo das festas do 14 de julho, por que razão há de ter o sr. Chronista mais gritos despojado, e mais passos d'admiração, para falar d'esse 6 de maio, do que não costuma ter quando fala d'esse 14 de julho?...

A este discurso d'um tão notável quanto prespicaz *sanco-paixão*, próprio a afeecer o mais indescendente entusiasmo, parece-me do meu dever responder do seguinte modo:

— Querido Sceptico, e meu amigo! A sua lógica cerrada, fria e implacável, deixa-me realmente atordiado. Effectivamente, não há razão para maiores e mais agudos gritos d'entusiasmo, porque Paris no dia 6 de maio, pôz dez vezes mais bandeiras e mais troféus, do que costuma por no dia 14 de julho. E se a alegria se contasse por dezenas de bandeiras, como no mundo a importância social se conta pelas dezenas de contos de reis que os imbecis possuem em casa, ninguém seria mais alegre como o pessoal das officinas onde as mesmas bandeiras se fabricam. Ora eu já morei durante anos no lado d'um fabricante de bandeiras, que reuniu a este patriótico comércio, o do fabriquo em larga escala de mascarados de papoilão; e devo dizer-lhe, adorado sceptico meu amigo, que nunca vi ninguém tão triste, nem tão cismurro, como esse que acendeu com farrapos d'entusiasmo no seio das multidões, e mascarava de papoilão nos dias de carnaval, as pessoas mais alegres do meu bairro.

— Evidentemente, o Sceptico de minh' alma, que o entusiasmo não provém de mais um milhão de bandeiras tricolores, adicionado ao numero usual para festas de menor importancia. O entusiasmo parisense provém unicamente de que, cada habitante de Paris, considerou como um dever de bom cidadão e de bom francês, provar o seu contentamento pela inauguração d'esta Exposição, que ho da ficar na história como o mais bello esforço da inteligência humana no século XIX, e como a prova indelevel de que é ainda a França, n'este momento histórico, o país da Europa que tem coragem para grandes audacias, para grandes cometimentos!

— Cada habitante de Paris — apesar das divisões políticas que separam e agitam esta enor-míssima população — comprehendeu claramente o alcance d'este acontecimento, e a importância d'este dia. Cada habitante de Paris soube compreender que o 6 de maio de 1878 não era data que pudesse ser explorada por este ou por aquele partido, desde o monárquico, até o socialista. Cada habitante de Paris comprehendeu que o 6 de maio passaria a ser uma data exclusivamente francesa, e que se trata, não de vaidade d'um partido ou d'uma instituição — mas da glória da França!

— D'aqui, querido Sceptico do meu coração, esta diferença de entusiasmo que faz com que o 14 de junho (que celebra a data da tomada da Bastilha) seja uma festa de todos os republicanos, em quanto que o 6 de maio (dia da abertura da actual Exposição) foi a festa de todos os franceses.

— D'aqui, a comprehensão de todos os parisienses de que o mundo tinha os olhos voltados para Paris, e de que em Paris se achavam representantes, de todo o mundo. D'aqui, este bello movimento patriótico, que fez com que Paris considerasse esse dia, como um dia glorioso para a França. E todos os estrangeiros que se achavam n'esse dia em Paris, conservaram hão de memória para sempre, porque assistiram a uma d'estas festas que nunca mais encontram igual, porque são o resultado d'um movimento inesperado d'uma multidão de perto de três milhões d'individuos!

— Eis quanto a mim, caro Sceptico, a razão porque o seu Chronista tem hoje mais gritos d'espanto e mais portas de admiração, do que costuma ter com outras festas, não menos brilhantes, mas muito menos sinceras, espontâneas e sentidas. *

Tudo isto que para aqui tenho estado a declarar, não é tanto para lhes descrever ou dar uma vaga impressão do pitoresco de Paris, vendendo todas as casas, todas as ruas, todos as avenidas, cobertas de bandeiras de todos os países, de troféus onde a bandeira de França se entrelaçava com o estandarte da China, ou do Mexico, onde as bandeiras de Portugal e do Brasil se mesclavam com as bandeiras da Rússia, ou dos Estados Unidos, ou da Turquia, ou do Japão, o que dava a Paris um aspecto, não de Paris, capital da França, mas principalmente de Paris, capital do mundo!

O que eu queria era dar-lhes uma impressão, ainda que muito fugitiva, não do pitoresco da cidade com todos as suas decorações, e o movimento excepcional d'este dia, — mas da alegria da população parisiense, d'esta alegria que se não estereotypa nos rostos dos individuos, mas que nós sentimos que elia vive, que elia existe, no coração das multidões; d'esta alegria comunicativa que incendeia o olhar mais amortecido e mais indiferente; d'esta alegria de multidão que sente e palpa a grandeza e o esplendor da sua pátria; d'esta alegria que é uma fôrma nobilíssima do orgulho nacional; d'esta alegria

que se respirava no ar de Paris, que era a expressão festiva do grande acontecimento que se estava celebrando; d'esta alegria da multidão parisiense que se podia traduzir por estes palavras, se perguntassem a essa multidão porque estava tão alegre:

— « Porque somos uma parcela d'esse povo ao qual nenhum rei vez tem podido aniquilar. Porque somos uma parcela desse povo que pode sofrer as maiores provações e os maiores desastres, mas a quem a adversidade não é capaz de fazer succumbir. Porque somos a parcela d'esse povo que em 1789 soltou o primeiro grito de Liberdade em plena Europa; e que com annos depois, sabe sorrir da grêve dos Estados europeus que não querem festejar o aniversário da Revolução francesa, ensinando ao mundo, com o exemplo d'esta grandiosa Exposição, o que d'essa Revolução resultou para o gênero humano. Porque somos a parcela d'esse povo que occupa o seu lugar entre os primeiros países da Europa, não por ser tão rico como os mais ricos, nem tão forte como os mais fortes, mas porque é o único que sabe, antes de tudo, prestar homenagem ao Trabalho e ao Talento! »

Neste momento do nosso século, dois grandes países se acham em face um do outro, ambos animados d'um odio terrível de raças, ambos poderosos, ambos terrivelmente armados, ambos vigilantes à espera do momento em que se hão de ajustar as terríveis contas das campanhas de 1870, em que o prestigio militar da França foi sacrificado à decadência, à vaidade imbecil, à desmoralização militar, à cegueira criminosa do segundo império.

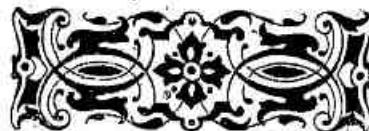
A França e a Alemanha olham-se, como dois inimigos, terríveis e poderosos, que hão de lutar um dia, ficando um d'elles no campo. Tem de ser fatal... Da proxima guerra entre franceses e alemães, um dos dois países ha de ficar aniquilado para mais de um século. Os dois países preparam-se igualmente para essa luta, que lembra duello a pistola que só pode cessar quando um dos adversários ficar impossibilitado para fazer fogo. Esta guerra pode rebentar amanhã, pode só rebentar d'aqui a dez annos. Mas tem de ser. Os países são como os homens: é necessário satisfazer, apagar certos odios, e odios só se apagam lutando. A luta é pois inevitável.

Mas o que é a honra da França, é que sob este horrívoro pesadelo em que vivem os dois países, sob esta preocupação constante de armamentos que absorve a atenção dos dois países e arruina as suas finanças, a Alemanha só tem tempo para se ocupar de militarismo, enquanto que a França — além de militarismo — ainda tem tempo, coragem, actividade, genio e dinheiro, para fazer em dois annos esta Exposição que a todos assombra.

E que em França sente-se a mesma generosidade, a mesma grandeza d'alma, o mesmo divino e glorioso *quixotismo* que animaram a Itália da Ressença, a Espanha e o Portugal das descobertas. E que em França ainda se tolle por um chimeru, ainda se morre pela Glória...

E é por isso que nós todos escriptores, nós todos que correspondemos com o público, o devemos aconselhar a que repille alianças funestas com povos que não são da nossa raça — e que se aproxime cada vez mais das nossas irmãos franceses, porque talvez não esteja longe o dia em que nos precisemos unir, para fazermos respeitar as nossas nacionalidades, contra alguma invasão dos barbares do Norte!...

MARIANO PINA.



A ILLUSTRAÇÃO

E A EXPOSIÇÃO DE PARIS

COM o presente numero a ILLUSTRAÇÃO continua a serie das suas gravuras de cera d'esta famosa Exposição que está despertando a curiosidade do mundo inteiro, e que será um dos mais extraordinários acontecimentos do nosso século.

Publicamos ainda hoje algumas gravuras reproduzindo os últimos trabalhos de instalação no Campo de Marte, e na esplanada dos Invalidos. Ao lado destas, duas gravuras allusivas à abertura da Exposição e às iluminações do 6 de maio, nos jardins do Campo de Marte.

D'aqui por diante vamos publicar gravuras reproduzindo as maravilhas das diferentes seções artísticas, científicas e industriais. Os nossos leitores passarão assim em revista as principais galerias da Exposição, e ficarão com o mais bello álbum de gravuras que possa aparecer em língua portuguesa.

Mas desde já lhe chamamos a atenção para uma outra imensa gravura que hão de ocupar quatro páginas da nossa ILLUSTRAÇÃO, representando uma vista geral da Exposição Colonial, situada na esplanada dos Invalidos.

Esta Exposição das colônias é um dos lados maravilhosos da actual Exposição de Paris. A nossa grande gravura aparecerá num dos próximos números da ILLUSTRAÇÃO.

Lembramos aos compradores avulso da ILLUSTRAÇÃO, que dos últimos números ex-gotados não fazemos reimpressão; e que para não correrem o risco de não encontrarem números à venda nas livrarias, o mais comodo é mandarem os seus nomes aos nossos agentes, para que os considerem como assinantes.

Só assim terão garantidos os seus números, e só assim a nossa Empresa poderá de futuro responder a todos os pedidos, apesar de termos aumentado a tiragem do nosso jornal de mais 5.000 EXEMPLARES por cada numero!...

AS NOSSAS GRAVURAS

ABERTURA DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL.. AS ILLUMINAÇÕES.

A FESTA da inauguração da Exposição foi uma das mais brilhantes e mais belas que se tem registado estes últimos anos em Paris.

A cerimónia da inauguração oficial realizou-se na grandiosa sala que fica debaixo do zimbório central. O Presidente da República foi recebido no meio d'uma entusiástica ovacão, ao som da marcha executada por cinco bandas militares.

Estavam presentes mais de 2000 convidados, O sr. Carnot proferiu um notável discurso.

Vindo aquelle acto, o Presidente da República seguiu d'um numeroso seguado visitou algumas seções francesas, o Palácio das Machinas, as seções dos Estados da América do sul, que tomam parte oficialmente na Exposição. Depois d'um *lunch* que lhe foi oferecido no palácio das belas-arts, foi visitar a exposição agrícola e hortícola no cais d'Orsay, e em seguida a exposição das colônias francesas na esplanada dos Invalidos, demorando-se muito tempo na seção argelina.

Tanto, no cais d'Orsay como na praça da Concordia, a imensa multidão saudou a saída do sr. Carnot com um entusiasmo indescrevível. O Presidente recolheu-se ao Elyso pelas seis horas da tarde, tendo sido aclamado pelo povo em todas as ruas de transito.

X

As iluminações à noite, em toda a cidade, foram explendidas. Mais onde especialmente atingiram o maravilhoso, foi no recinto da Exposição.

Uma multidão enorme passou toda a noite na Praça da Concordia e a beira dos cais, desde a ilha S. Louis até Grenelle, para presenciar a festa veneziana e as magníficas iluminações no Sena. Foram queimados três fogos de artifício, sendo brilhantíssimo o seu resultado. A noite terminou com o esbrilhamento da torre Eiffel, por meio de fogos de bengala, o que causou admiração geral.

Como os leitores veem pela nossa gravura dos jardins do Campo de Marte, os jarrões d'água iluminados por luz eléctrica produziram o melhor resultado. Ao fundo vemos o zimbório central a pulsar de luz intensíssima.

A multidão é enorme. Mais de 200.000 pessoas afluíram nesse dia ao Campo de Marte e Esplanada dos Invalidos.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL.. OS VIDRACEIROS E PINTORES TRABALHANDO NA FACHADA DO ZIMBÓRIO CENTRAL DA EXPOSIÇÃO.

A gravura que publicamos com este título é executada durante a última semana dos trabalhos, nas ante-vestíbulos da Exposição. Há uma onda de operários d'um lado ao outro no Campo de Marte e na Esplanada dos Invalidos. Todos procuram finalizar, o mais depressa possível, os trabalhos mais urgentes e mais importantes.

Aqui vemos os vidraceiros e pintores sobre os andalhes que cercam o zimbório central — esse bello trecho d'arquitetura, do mais fino gosto e da mais apurada arte. Num dos numeros passados da nossa revista, já apresentámos aos leitores a fachada inteira do zimbório, debaixo do qual M. Carnot, Presidente da República, abriu no dia 6 de maio corrente a Exposição, ao som dos hymnos de cinco bandas regimentares e entre as aclamações de 2000 convidados.

O desenho de Vierge é originalíssimo, e é mais uma prova da elegante maneira d'este infeliz e magnífico artista.

Continuaremos a serie das nossas gravuras.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL.. — OS TRABALHOS DOS PINTORES DECORADORES.

Mais outro delicioso trecho dos trabalhos executados na ultima semana, dias antes da inauguração solene.

Achamo-nos no centro d'uma das galerias. A luz do sol flammeia, dardejando os seus raios cortantes

através dos vidros que cobrem a galeria. E é na beleza do pleno meio-dia que Vierge — o brilhante artista — pode espanhar o croquis que hoje oferecemos aos nossos leitores e com que aumentamos a serie interessante das nossas gravuras sobre a Exposição Universal de Paris.

Os pintores decoradores fizeram verdadeiros maravilhosos nas principais seções da Exposição — Palácio das Belas Artes e das Artes Liberais e todos os pavilhões coloniais e ultramarinos da Esplanada dos Invalidos.

A pintura decorativa encontra-se hoje num grande adiantamento em França. E na Exposição podemos examinar bem o estilo actual em que ella se acha n'este grande país d' iniciativa e de trabalho que se chama a França.

Pela nossa gravura podem apreciar os melhores movimentos que vai ao longo das vastas galerias, em plena actividade.

Hoje a maior parte d'esses trabalhos estão completos, porque a Exposição está quasi inteiramente montada e instalada.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL.. — OS ANNAMITAS TRABALHANDO NA ESPLANADA DOS INVALIDOS.

Como os nossos leitores veem, não nos pouparamos a sacrifícios para lhes dar as gravuras de maior sensação, as mais curiosas e as mais pittorescas da Exposição Universal de Paris.

Hoje oferecemos aos leitores da ILLUSTRAÇÃO mais outro trecho original e delicioso, um croquis apinhado em flagrante, dos annamitas trabalhando no famoso pavilhão que elles acabaram de construir na Esplanada dos Invalidos. Ali os vemos a despor as cores os vernizes nos vasos e nos monumentos que devem figurar na Exposição especial do imperador d'Annam, — um soberano exótico.

Os annamitas tem sido uma das maiores curiosidades do público que visita a grandiosa Exposição. Estes artistas obscuros e extraordinários fazem por vezes verdadeiras creações do mais requintado gosto. Os motivos de decoração são excentricos, mas agradam pelos surpreendentes efeitos que produzem.

Em breve continuaremos a dar na serie das nossas gravuras outras curiosidades exóticas da Exposição, pavilhões japonezes, aldeias indias, padogos chinenses, etc., etc.

Prometemos oferecer aos nossos leitores a mais completa e a mais bela reportagem artística da Exposição de Paris, e queremos cumprir a nossa palavra. Como até hoje temos demonstrado, a ILLUSTRAÇÃO é a única revista portuguesa em condições de saciar a curiosidade do público português e brasileiro, sobre as hellekis e as maravilhas da actual Exposição de Paris, — ponto único para onde estende volta toda a atenção do velho e novo mundo.

O SALON DE PARIS DE 1886.

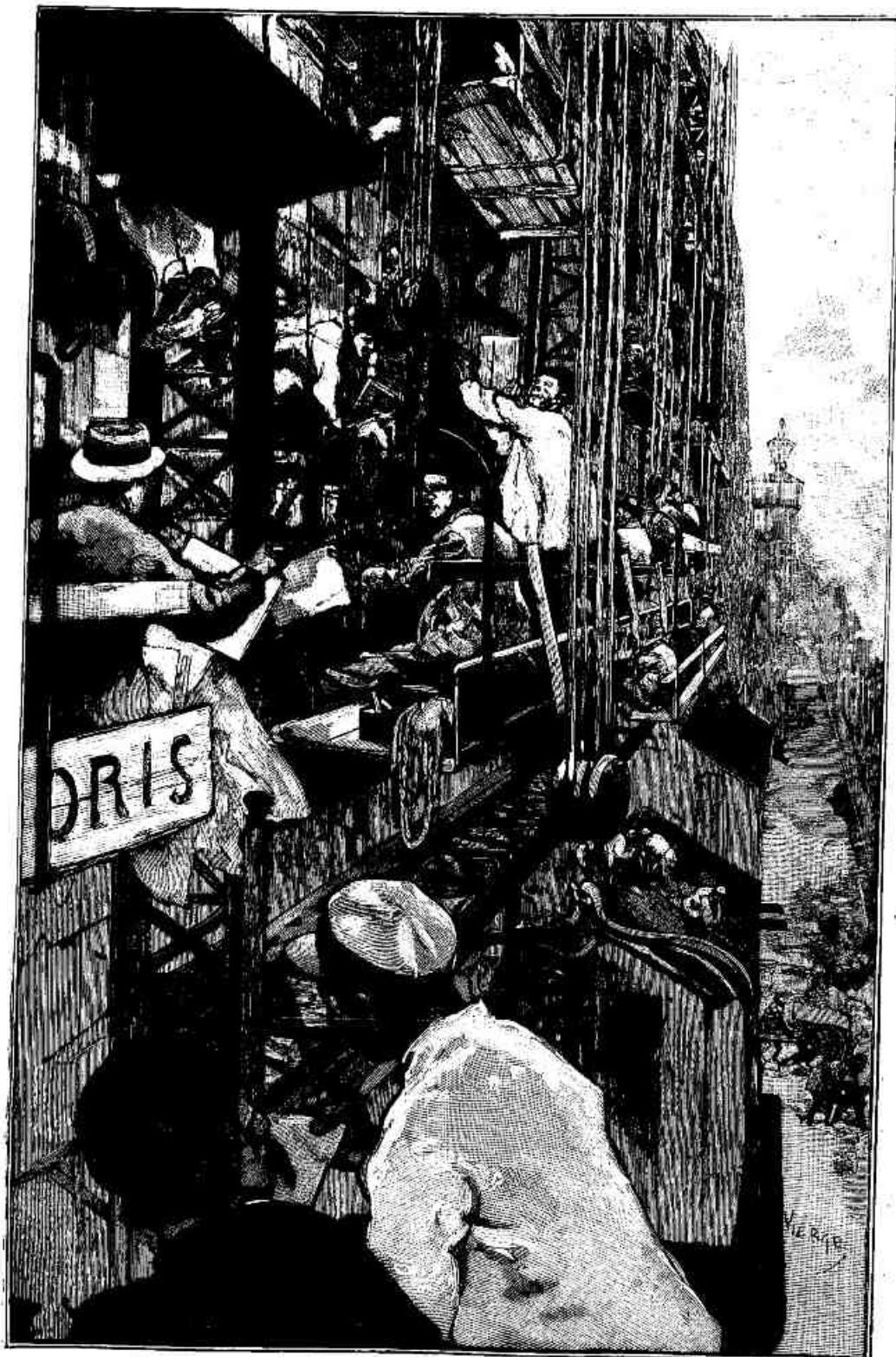
A ILLUSTRAÇÃO não pode hoje, como nos annos anteriores sempre o tem feito, destinar um largo espaço a todas as belas obras d'arte que encerra o Salão de Paris de 1886.

Temos que conseguir toda a nossa atenção à maravilhosa Exposição universal e internacional do Campo de Marte; temos de pôr o público português e brasileiro acorrendo às quantas coisas admiráveis encerram essas galerias monumentais que estão sendo o assombro de todos quantos desembarcam em Paris.

E por isso que nos vamos forçados — de tal modo o assumpto abunda — a destinar por agora menos espaço na ILLUSTRAÇÃO a gravuras reproduzindo os melhores quadros e esculturas do Salão actual. Mas como essas reproduções não perdem a actualidade, nós as faremos apparecer a seu tempo, no inverno de 86-87, quando a Exposição Universal tiver fechado, e quando os nossos leitores souber melhor repousar a vista em simples obras d'arte.

Agora o essencial é satisfazer a grande curiosidade de dar o maior numero de gravuras todas allusivas à Exposição.

Mas não resistimos ao prazer de hoje reproduzir um adorável quadro do sr. Emilio Renard — o Baptismo — quadro que é tratado com aquella feridez e aquela critica de que hoje em dia só parecem ter o segredo, em quadros de gênero, os pintores da escola francesa.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — Os transeuntes e recrutas uniformados na fachada do zimbório central da Exposição.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS TRABALHOS DOS PINTORES DECORADORES.

Precisa por acaso de explicações, essa cena do *Baptismo* que nós todos conhecemos!...

O que nos parece necessário notar nos nossos leitores é que a gravura em madeira que reproduz o quadro do sr. Renard, troux a assinatura de Ch. Baude, o grande gravador parisiense; — e que a *ILLUSTRAÇÃO* é o único jornal em língua portuguesa que tem o direito e que pode publicar os trabalhos desse notável artista.

De resto, é devido a este e a outros ilustres colaboradores, que a *ILLUSTRAÇÃO* pôde atingir o grau de reputação que hoje possui em Portugal e Brasil, como sendo a única publicação artística, na larga acepção da palavra, que se publica em língua portuguesa.

O ATTENTADO CONTRA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

Este incidente desagradável — deu-se no dia da festa do Centenário, na occasião em que o sr. Carnot se dirigiu para Versalhes. O Presidente saiu do palácio do Elysée para volta do meio dia. Vinha num carro com a Damour, acompanhado pelo presidente do conselho e dois oficiais das ordens. As carroças dos ministros seguiram o carro presidencial. O prestito abriu com um esquadrão de canhaceiros.

No momento em que o cortejo dava a volta, à esquina da Avenida Marigny, ouve-se uma detonação. Era um tiro de revolver dado contra o carro do Presidente. O autor do atentado, um tal Perrin, a custa saliu só e salvo das mãos do povo. A soba que apanhou foi enorme. A polícia empregou todos os esforços para o proteger, mas ainda assim o criminoso chegou no comissariado com a cabeça ensanguentada, sem chapéu e com o corpo moido de bengaladas.

Publicamos duas interessantes gravuras sobre este incidente: Na primeira vemos Perrin apontando o revolver contra a portinhola do carro onde vai o Presidente; e na segunda vemos a polícia protegendo o assassino contra as iras do povo. Perrin declarou depois que não queria fazer mal ao Presidente, e só pretendia chamar a atenção pública sobre as injustiças de que era vítima. Julga-se que é mais um alucinado como tantos outros que tem disparado tiros de revolver contra os ministros.

MARITIMA

I

*Tranquillo o mar. Da borda do paquete
Passo a vista pelos horizontes;
E debaixo d'un ceu azul ferrete
Estufam-se na bruma, ao longe, uns montes.*

*Terra! Gritaram fortes os gageiros.
Enrosce-se o velame em curvas dobras.
O helice estremece. Os marinheiros
Andam na faina ardente das manobras.*

*Azul no cau — que quietação sublime!
Azul no mar — que movimento estranho!
No entanto a barco onde o vapor se opprime
Deixa nas ondas um espumo lanco.*

*E' meio dia. Animo-se o convéz.
Numa enorme conversa poly glotta;
E sobre os mastros, una ou outra vez
Exvoacando, paira una gaivota.*

*Oh! louco e velho mar, sempre a estorcer-te
N'essa eterna e phantastica hysteria!
Suspense por um pouco. Eu quero ler-te
A epopeia da minha nostalgia.*

*Hei de contar-te as pueris lembranças
Que ainda conservo da casita esperta,
Onde eu briguei e ri, como as crianças
Que saltam e se riem na coberta.*

*Ando a scismar na esvelta miss Pura
Que hontem notei, tão regiamente fria,
O vago olhar azul sobre a costura,
— O vago olhar azul que me extasia.*

*Neste momento exhibem-se a meu lado
Passageiros de todas as nações:
Françaises de binoculo assistido
E velhas ladies, vendo Ilustrações.*

*A miss! Quem será?... Fez-me sair
D'esta apatia, o espadamar d'un vio;
Para o convéz acabam de subir
Duas senhoras, pallidas do enjoo.*

II

*A unte agora quasi sempre eu ando
Sissinho, a vaguciar na escuridão;
E oito vibrar, em berrus de commando,
Junto do prod, a voz do capitão.*

*N'uma d'estas viagens em que gosto
De aproveitar as noites da jornada,
Senti um profundissimo desgosto,
Vibraram-me na alma uma facada.*

*Fui encontrar a miss car de opala,
Sorrindo meigamente entre pelissas,
E, ao lado, enternecido, a beijocal-a,
Um mariñeiro bruto, de suissas!*

Câmara, 1881.

AGOSTINHO CAMPOS.

O CEGO DE GUARDIAM

LOGO que expirou o cunhado, José Domingues caiu n'um scismar aterrado. Só elle comprehendia a grande desgraça que nesse dia entrara na casa de sua irmã, pobre mãe de cinco filhos, que tinha para os sustentur, unicamente uma roça. Lembrou-se de os trazer todos para onde a si; mas como poderiam viver tantas pessoas com duas pipas de vinho e um carro de pão? A pensor n'isto se consumia o pobre José Domingues, e aquelles olhos cegos desde tenra infancia, estavam grossos como punhos de tanto que tinham chorado. Até perdera o gosto à rebeça, prenda que seu tio frade lhe deixara, juntamente com as terras de que vivia. A comida entrava-lhe na boca só à força, depois de muito o apoenarem. Como toda a gente o estimava em Guardiam, iam ali pelas círcos pessoas conversar com él, dando-lhe consolações e conselhos, coisas de pouca valia, pois não produziam alimento para os sobrinhos. O seu amigo Miguel Tinta, trouxe o violão uma noite, para lhe acompanhar a rebeça; porém o cego é que não estava para tocar.

— Que queres, não posso. Tenho aqui um peso de seiscentas arrobas — rematou arrependido o coração.

Mas como algumas raparigas, com o fim curioso de o tirarem d'aquele malucar, lhe pediram insistenteente, José Domingues tocou umas musicas tristes, muito populares e queridas d'aqueila gente. Foi n'essa occasião, que o Miguel, sentindo o cerebro illuminado por uma ideia, disse com entusiasmo:

— Olave lá. E se nós fossemos por ahi abaixo ambos! Não se ganharia alguma coisa?

Todas as pessoas presentes acreditaram que sim e aplaudiram com estrepito a lembrança. Só o rabecaista não tinha grande fé, pois disse:

— O que, a tocar! Uh!...

— Hade haver muito quem vos queria ouvir. Tentar fortuna é sempre bom prophétisou empaticamente Zé Maximó, o barbeiro.

Resolveram-no logo aíli. Os dois mais interessados planearam a coisa detalhadamente, mencionando as terras que percorreriam e as musicas que haviam de escolher. Uma manhã

de primavera, partiram com o sol rubro no horizonte. Andaram por fóra alguns meses e quando voltaram vinham satisfeitos, porque traziam um bom par de moedas na algibeira. Foi uma alegria para aquella gente, momente para José Domingues, que só entregou o dinheiró á irmã pulava de contente, com os sobrinhos todos em volta a agarrarem-se-lhe ás pernas. No forte das suas expansões, o cego, planeava uma vida d'abundancia: queria que se comprasse um porco para matar n'esse anno e mais um bácoro, para o seguinte.

— N'esta casa! — com seiscentos diabos! — hade tornar a haver salgadeira e fumeiro, como antigamente — afirmou.

Foi este o começo da vida de tocador de rebeca, que tão popular fez o cego de Guardiam, em toda a província do Minho.

III

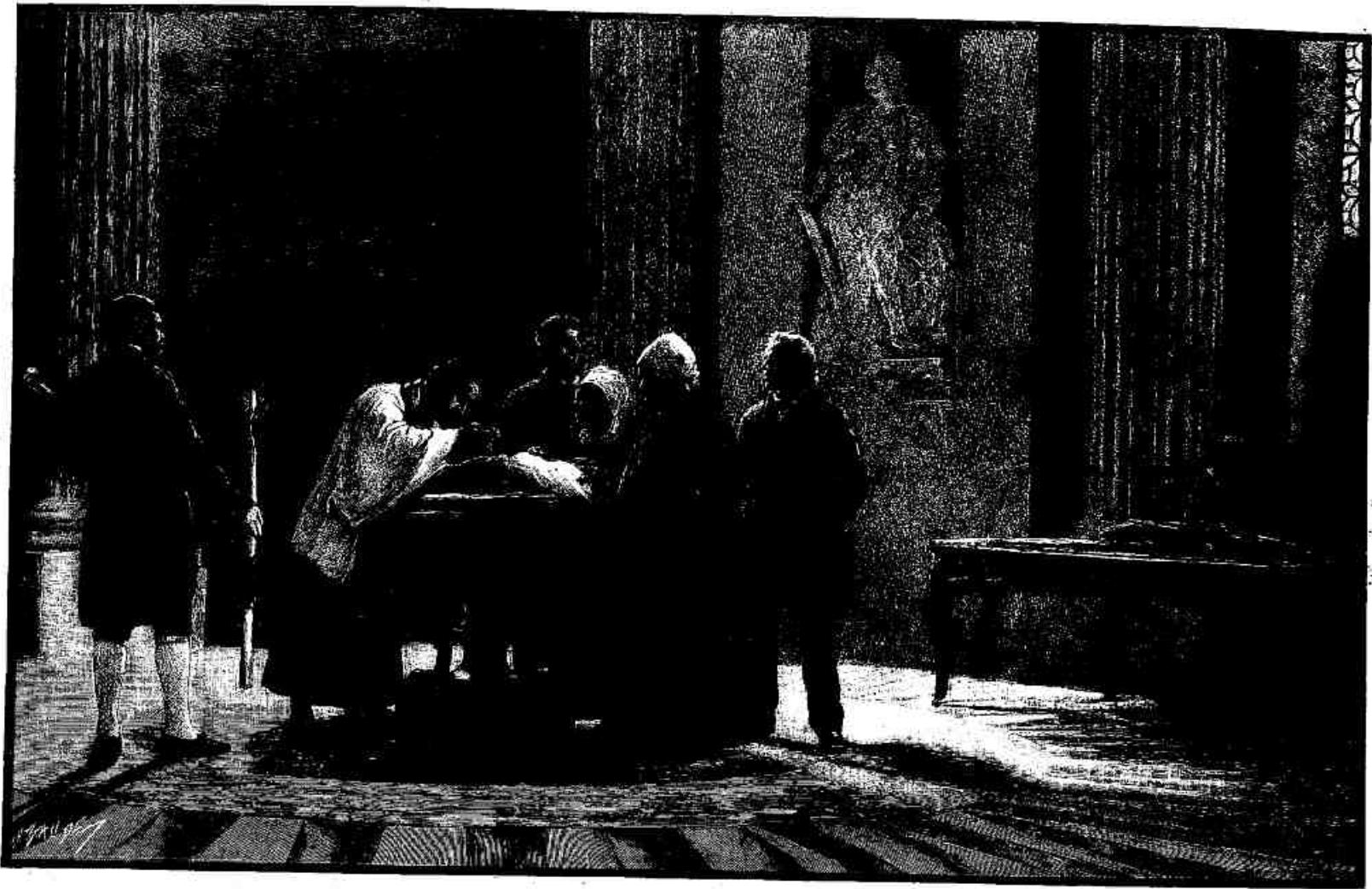
O seu nome chegou mesmo á cidade do Porto. Quem faltasse no *ceguinho* designava logo José Domingues. A expressão persuasiva e bondosa do seu rosto tornava-o atraente e querido. O tocando a chorosa rebeca, ou a cantar modas alegres, ou a gracejar com as raparigas, era sempre comedido e delicado; por forma a ser cubilada a sua presença. De todos os cegos pedintes e trovadores, só elle gozava de verdadeira *sympathia*. Chamavam-no a muitas casas para o ouvir e, além da paga, ofereciam-lhe vinho e marmelada. Também elle não se parecia com nenhum dos tocadores de sanfona, lamentos e porcos. Sempre limpinho! — vestido de briche; camisa lavada; botas de cano, toscas e fortes; a mão apoiada no ombro do companheiro; o extinto olhar voltado para o sol; assim percorria a província. Tinha o seu orgulho d'artista e de pequeno proprietário — nunca exaltou ou fingiu misérias e necessidades para provocar compaixão. Aceitava o que lhe dessem, fosse muito fosse pouco, agradecendo tudo com um sorriso. O que ambicionava principalmente era que o escutasse com religião e amor. Se havia pelas janelas senhoras formosas, em quem presumisse melhor comprehensão da musica, o Miguel adverbia-o; pois que n'essas circunstâncias, o arco de José Domingues, tinha movimentos expressivos; alma entusiasta, e coração de poeta.

IV

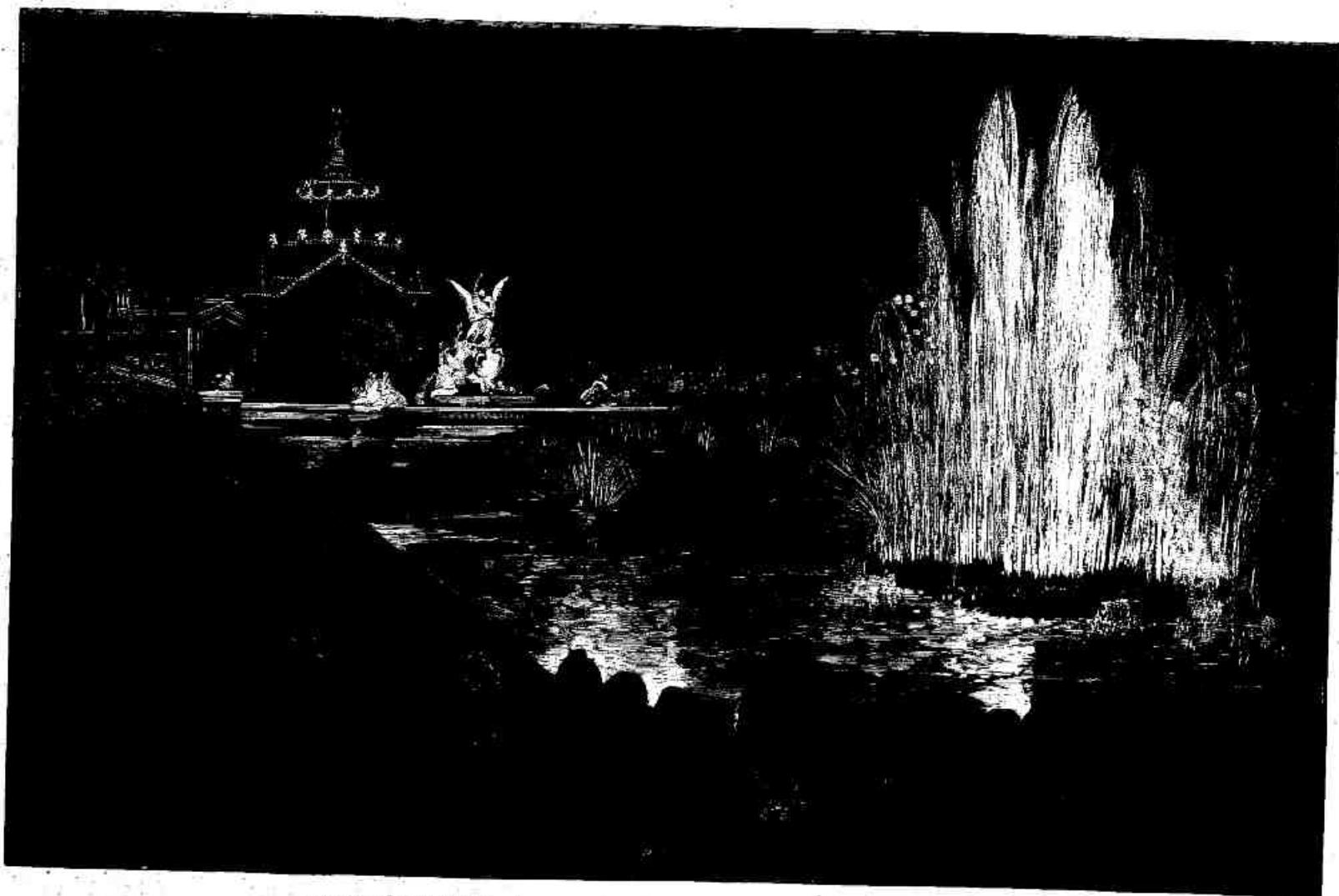
Que ideia faria elle da formosura!...

Foi tão cedo, logo no começo da infancia, que perdeu a vista!... As suas recordações não podiam deixar de ser pedaços de mundo dispersos, mal definidos, impressões fugitivas, como as da luz no pôr do sol. Com tudo na vida e larga imaginação, era certo que lhe esvoacavam encantadoras imagens. A meigulice do sorriso, a bravura de expressão em certos momentos, fazem-no presumir. Quando acreditava que a sua alma, a sua rebeça, estava fazendo pupilar algum coração de mulher, o rosto hexagonal e feio animava-se-lhe triunfanteamente, como uma aurora. Parecia que tinha um resplendor, que respirava n'um círculo de luz propria. E porque elle instinctivamente calculava que aquella expansão de sensibilidade que lhe vibrava nos proprios nervos, correspondia outros effusos em nervos mais delicados. E a potente voz da arte embravecia-lhe a natureza cheia de candura, transformando o humilde cego, n'um ente dominador e altivo. A proximidade da mulher, a sua inflexão meiga e dolente, amansava d'um modo absoluto, qualquer asperezza d'este homem, que nunca lhe pudera calcular a pureza das lihas. Talvez isto fosse por conhecer a dolorosa historia de seu tio frade, que morto aos septenta annos, conservara ate a ultima, o amor d'uma imagem extinta, evocando-a aos sons da mesma rebeça, que José Domingues tocava!

Esse tio egresso fôra o seu educador e o seu



SALON DE PARIS DE 1889. — **O BAPTISMO.** — QUADRO DE EMILIO RENARD.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS ILUMINAÇÕES NO CAMPO DE MARTE, NA NOITE DA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO.

amigo. Homem de viver em si, conhecendo a música e as letras, ensiná-la a tocar, e transmitir-lhe a alma que possuía. A doce infabilidade de convivência com esse bom velho, introduzira-lhe no coração sentimentos preciosos de humildade. Despistar os bens terrenos, para se confortar nos gozos interiores, fora o que esse obscuro evangelista sempre lhe aconselhara, como meio de se opor à desgraça e sofrer com valor as agruras do mundo. Por isso, elle aceitou em toda conformidade, essa vida de tocador ambulante, por mais que ella fosse contrária ao seu quietismo afeito. Ainda assim tinha a impelido o nreste vagabundear de terra em terra, o seu carácter impressionável d'artista. O fanatismo com que todos o ouviam em Guardiam, em Refuiño, e n'outros lugares, por vezes lhe levantava as ambições e sonhava com público mais numeroso e selecto. Porem nunca pensava em sair da sua aldeia, e de adro da igreja, onde nos domingos, depois da missa conventual, até o abade parava a ouvi-lo. A donzela abandonada, o Marinheiro e o Cão fiel eram algumas das poucas cantigas que n'esse tempo conhecia. Exprimia-as com tal sentimento e candura, que era frequente perceber-se o choro d'algum coração de rapariga enamorada e sensível, que encontrava nas palavras da canção qualquer lembrança pungente. Então o José Domingues, que era gathoileiro dizia:

— Quem diabo está aí a fungar, a rir-se da minha rabeca! Anda cá menina que elas não te entendem...

E beijava-a repetidas vezes, baloquando-a contra o seio, acariciando-a como terna mãe acaricia um filho. Isto dava sempre bom efeito, alegrava os ouvintes, tornava-os comunicativos e contentes. Pora que todos baixassem, o cego tocava-lhes a *Caninha verde*, a *Maria Cachucha*, o *Afasta janota, arreda*, e os rapazes acercavam-se das raparigas, formando logo a roda.

Se o Carvalhosa presenciaava, nunca deixava de dizer com sorriso de consentimento e um dedo no ar:

— Moçost juizo, ouviram? Muito juixinho.

Agora que andava de terra em terra, a força de sympathia e atração do José Domingues dilatou-se por muita gente. A sua pequena estatura, a magreza do corpo, a expressão terna, o olhar fixo e indefinido sempre voltado para a luz, a delicadeza natural e a suavidade das suas faltas, a inspiração muitas vezes caudelosa e tormentada da sua rabeca... tudo se fixou na imaginação colectiva, com traços vigorosos e duradouros. Ele é que levava pelo mundo a sua lama. Todas as terras o estimavam e queriam a ponto de se falar com antecedência da vinda do cego de Guardiam, que tinha épocas determinadas e fixas, para os diversos pontos de província. Se tardava uma semana, isso era logo motivo de reparo. Preocupavam-se com a ideia de que estivesse doente e nem queriam supor que tivesse morrido. O seu aparecimento era considerado como o das aves cantoras na primavera, que preannunciam os bons dias e os meses. Por isso era recebido com verdadeira satisfação este portador de novas canções e, principalmente as raparigas do povo, saudavam-no com alegria espontânea e sincera. Parava a conversar com pessoas de diversas categorias, e sempre lhes narrava coisas novas em que as interessava pela simplicidade da sua palavra.

Estas jornadas, pelos ensombrados caminhos da província, começava-as no princípio d'abril, quando os pampas rebentavam e pareciam olhos de satyros arir de todo o mundo. O inverno passava-o em casa, junto do lar crepitante, no meio dos sobrinhos, que lhe enchiham a alma de gozos paternos. Havia magustos com estoires de castanhas e o bom rascante, colhido nas videiras que lhe legara o tio frade. Havia a mota-

do porco e a consoada, que eram festas salutares e halestantes. A neve embranquecia os montes sobranceiros, a ríspida nortada esfuzava, as lufadas, pelo valle. Era preciso cada qual acerar-se da fogueira para assim ludibriar a fúria dos elementos, que combatiam cá fora. José Domingues com a sua modestia bem provida do necessário, dizia aos sobrinhos, quando tinham medo do trovão:

— Deixa lá, é a música do pae do ceu.

— Gosto mais da rabeca do tio Zé. A música do pae do ceu, não presta — observou um de oito annos.

— E zabumba — considerou philosophicamente outro de menos idade.

A primavera fazia-o sahir de Guardiam acompanhado do Miguel. Tinham um jumento para levar o vestuário e o presídio dos primeiros dias. Durante as chuvas, como os pintasilgos, tinha a voz amortecida. Só a fragrância do ar seco e balsâmico o fazia cantar. Sentia, como os que tem bons olhos, que a natureza se subtilizava para a festa grande da criação. No fermentar estrondoso das sementes que rebentam, estava a sua paisagem florida. As canções d'esta época, o *Regadinho*, o *Pintalhão*, eram vivas, travessas e maliciosas. As de outono eram melancólicas, arrastadas e dolentes, sentindo-se no ar da sua rabeca certa preguiça, e o sentimento das vozes ternas, que vem de longe pelas corgas dos montes. Havia n'esses cantos, notáveis futilantes que pareciam folhas amarelentas vaguendo no ar, impelidas pelo rígido nordeste. Se na volta d'um caminho percebia alguma caniguinha de pinheiral rumurosso, parava escutando e, às vezes, rebentavam-lhe lagrimas. Aproximava-se o tempo de recolher a casa, e as consolações da família. Lá voltavam a Guardiam com a imaginação cheia de lembranças alegres. No logar era festivamente celebrada a sua volta e, rindo e chorando José Domingues abraçava com effusão e verdadeiro, prazer todos que se lhe approximavam. Dançava, pulava, atraía o cheiro ao ar, como uma criança!

— E que se sentia entre corações d'amigos.

N'um d'esses períodos d'inverno, que passava junto dos seus, ouvia ler na gazeta que o padre Carvalhosa emprestava ao mestre-escola de Guardiam, que estava em Lisboa e talvez viesse ao Porto e a Braga, um rabequista celebré a quem chamavam pomposamente o "primeiro violinista do mundo".

— Olhem que não tocará melhor que o nosso José Domingues — afirmou entusiasta e patrióticamente o professor.

— Ora, senhor José Fortunato, nem diga isso. Eu, um pobre estupido, posso lá!... — respondeu com modo agradecido.

— Deixa-te de tolices, homem. Olha que eu com os sessenta e cinco que já conto, nunca ouvi como Frei Gonsalo. E já fui uma vez a Lisboa, com o fidalgão de Rufinho, quando elle era vivo.

— Lá, isso, maior que meu tio, não acredito que haja. Devo-lhe a alma que tenha — confessou comovido.

— José Fortunato ainda acrescentou:

— Olha que lá as meninas (as de Refuiño) estiveram no Porto com o tio general. Presentearam por lá grandes colas e disseram-me que antes queriam ouvir o José Domingues.

— Isso são umas santinhas. Eu sou um pobre cego, não sei nada, senhor José Fortunato.

— Não sabes nada? Sabes tudo, tens d'isto! — rematou o mestre-escola, batendo uma punha de sobre o coração.

O mais velho dos sobrinhos do cego, compreendendo tudo pelo instinto, atirou a cara para o telhado, gritando:

— Viva o tio Zé Domingues e a sua rabeca!

— Viva! viva! acompanharam os outros.

Mas o rabequista, ficou a scismar no que seria essa maravilha tão apregoada pela gazeta. Que poder, que atração teria no seu arco, esse homem que era superior a todos os que havia no mundo! Na sua mente ingenua, apresentou-se logo uma figura aureolada de sol, dominando a multidão dos admiradores que aplaudiam. Um público de fidalgos e mulheres ricas é bem diferente do seu, que era rude e casual. Haveria frugor de entusiasmo, compreensão vasta n'esse teatro em que as luzes faziam sobre-sabir a opulência. A apoteose alargava-se até os confins da terra e o artista levantava-se às nuvens... A alma calorosa do cego de Guardiam, sentia-se enebriada com esse imaginado triunfo, a comunhão manifestava-se nas lagrimas que lhe apontavam. E batendo uma palmada no joelho disse com resolução:

— Pois ainda não hei de morrer sem ouvir uma coisa d'estas!

Nesse momento chegou o Miguel Tinta a quem perguntou:

— Queres tu ir comigo a Braga ouvir o tal homem! Talvez se lhe possa tirar alguma coisa.

Sempre fora esse o seu processo d'aprender e progredir. Musica que ouvisse logo lhe ficava, Tinha no Porto e em Braga, quem lhe arranjassem versos apropriados. As vezes mesmo, lhe ministravam musica e letra, o que valia ouro sobre azul. Entrava em todas as egrejas onde quisesse tocar o orgão e era assíduo perto das bandas militares, quando soubesse que tocavam em público. Se qualquer musica lhe calhava, elle e o Miguel tracavam logo de lhe aplicar versos dos que sahiam e assim chegaram a popularizar canções, como aconteceu áquella que principiava:

Veja lá menina
Se levanta a saia

a qual toda a província decorou. Algumas vezes aconteceu aristocratasarem-se ás suas modas até chegarem ás salas de província, e então José Domingues ouvindo-as celebradas em piano díz com orgulho:

— Vê lá Miguel. Aquella trouxemol-a nós.

A notícia que ouvira ler na gazeta do padre Carvalhosa, sobresaltou-lhe o coração, cheio de entusiasmo pela musica. Era rigoroso de zembro; o frio enregelava as carnes; as neves cobriam os montes; o ceu, estuado de nuvens cón de lama, tinha uma imobilidade sombria. Os caminhos estavam intransitáveis; muita gente lhe aconselhou a não fazer a jornada; mas elle, logo que soube que o afamado rabequista chegara a Braga, resolveu o Miguel e partiram. Era como uma peregrinação religiosa. De tempos a tempos, José Domingues soltava seus ás admirativos e dizia para o companheiro:

— Mas como será este home, que é o primeiro rabequista do mundo?

Miguel observou scepticamente:

— Quem sabe lá! Isto de gazetas, consentem o que lhe põem.

— Não, não. Deve ser coisa de respeito! — considerou absorvido na sua ideia.

Logo à entrada da cidade, perto da egreja de S. Vicente, procuraram um estudante de Guardiam, com o fin de lhe pedirem esclarecimentos. Souberam que tudo quanto se dizia era verdade, que o senhor arcebispo, tendo escrúpulos de ir ao teatro, convidara o famoso artista para tocar n'essa noite no Paço. O estrangeiro acedera, para conquistar as sympathias do prelado e do público.

— O senhor Joãozinho — supplicou José Domingues — eu queria ouvirl-o. Não me poderá arranjar um buraco no palacio do senhor arcebispo? Eu arrumo-me em qualquer parte. Um buraco que seja, menino!

Não foi difícil obter esta íntima posição. O estudante era amigo d'um famulo de sua excelência, o qual pôde esconder o cego n'um vau de escada, próximo do lugar onde se realizaria o concurso. José Domingues levou consigo a rabeça, pois desejava apertar sobre o peito para melhor compreender a musica. Tiveram de o introduzir de dia, n'um momento conveniente para não ser presenteado. Durante umas seis horas, esperou que chegassem o instante. Encolhido, quieto, respirando brandamente para não dar rumor de si, ali se conservou. Perto da noite, acometeu-o uma sede furiosa, que supporiou hercicamente, sem o menor arrependimento.

O famulo que ali o introduzira, veio n'uma surtida perguntar-lhe se estava bem, e o cego respondeu agradecido:

— Ricamente, meu senhor. Só tenho uma sede...

Satisfeita esta necessidade ficou n'um paraíso. Momentos depois entrava tudo quanto havia de selecto na sociedade bracarense. A alta círculo apresentou as suas famílias respeitáveis. O general, o governador civil, o comandante do 8, o juiz de direito, administrador do concelho, delegado, professores do lycéu, trouxeram suas esposas e filhos. Ondulava um murmúrio de vozes e de sedas, e José Domingues ouvia pronunciar nomes consagrados, que toda a vida respeitara humildemente. Isto aumentou no seu espírito o valor d'aquele festa, tornando-a imponente. Era um deslumbramento e um céu aberto o que principiava a desponer na sua imaginação. Agarrado à sua rabeça, apertando-a contra o seio, estremecendo-a como se fosse um ente animado, estava comovido. Ia-se verificar a apoteose d'um seu irmão, e elle identificava-se com a glória do artista que não conhecia. Entrou o prelado. O cego deu conta d'esse falso pelo recuo de cadeiras e pelos comprimentos. Pouco depois chega o rabequista e a curiosidade da parte dos assistentes produziu um sussurro maior, que imediatamente se calmou, seguindo-se um silêncio de mar que se estende sobre a areia.

Lôgo que os primeiros sons de rabeça encheram a sala, a alma de José Domingues sentiu-se arrebatada para um horizonte largo. Dos seus olhos sem vista, irradiaram fulgurações d'uma beleza sideral. Erguendo-se no amplo espaço com a pujança d'um crente, a sua imaginação livre, vagueou na larguessa sem fim, n'um redemoinho d'harmonias, que o impulsionou como ligeiro farraço de nuvem. Toda a miserável terrena desapareceu para elle. Não estava n'um beraco, como com despresível, sócio e companheiro de ratos: aos seus olhos aparecia um amplo salão, ornamentado de riquezas e de mulheres formosas. Esqueceu-lhe o ronco uivar do vento sobre a telha vã da sua pobre casa, os cuminhos enlameados e cheios de poças, os encontros por vezes desagradáveis da sua vida de tocar.

Quando a rabeça tinha momentos alegres, extravagantes, fulgurantes, José Domingues ia indo n'aquele toada e vinham-lhe à mente coisas loucas e pueris: dançava em volta d'uma foguete, abraçava as raparigas que lhe fugiam aos gritos, ouvia réplicas de sinos, e ao longe, a multidão festiva passava para a romaria. Se era adolêncio das musicas espanholas, entrinhanadas de sentimento arabe, exprimindo-se brandamente, como as massas aguas do Mediterrâneo, os seus nervos sentiam uma paz infinita, quasi um torpor. A visão paradisíaca d'uma primavera só formada de cantos de passaros e de perfumes d'herbas e de flores, como elle a contemplava n'esses momentos, era mais intensamente bela do que a paisagem das amendoineiras e dos campos cheios de trevo e de malmequeres brancos.

Mas o seu pendor, a tendência da sua alma, era para todos os trechos lacrimosos, d'uma

plangência terna que se abrissem largamente em espaços constelados. Não valiam tanto os raios e os relâmpagos no meio silencioso das matas, e o rio murmuroso ladeado de choupos. Corriam-lhe em nôas lagrimas e apesar dos aplausos dos ouvintes, José Domingues sentiu que elles não comprehendiam bem aquella musica. Se elle podesse, entraria de joelhos na sala, para beijar os pés do grande artista mostrando-lhe a sua admiração, n'um chôro copioso e entusiasmado. Restejar pela terra como humilde verme, era o modo que a sua rudeza achava bastante expressivo, para glorificar aquelle seu irmão. Porque não procediam assim esses homens que o ouviam: Vinham-lhe suffusões de colera contra os que se não levantavam em exaltis, d'um entusiasmo viril e ardente como o seu. E que não tinhão alma para sentir. Elle humilde, obscuro, rude, apertado entre as paredes d'aquele beraco, era-lhes superior, comprehendendo o que elles não podiam compreender, tinha em si um tesouro, que nem todos os tesouros da terra podiam igualar. Vibram-lhe no cérebro os echos d'aquella musica, a sua commoção era grande, os soluços que não podia evitar apunhava-o nas mãos para não serem percebidos, com medo de perturbar aquela musica celestial!

Todos estes sentimentos aumentaram de intensidade, e no coração repercutiram-lhe os frêmitos mageirosos d'uma epopeia, quando os primeiros acordes da « Ave Maria » de Gounod se fixaram ouvir. Na sua imperfeita compreensão, não se desfrinjavam claramente as belezas acumuladas no famoso trecho. Vinha-lhe tudo em globo, tumultuarmente, como se a leggítima figura da morte o arrebatasse n'um instante levando-o por ermos desconhecidos, onde a sensibilidade fosse outra. N'aquella ondulação luminosa d'harmonias, sentiu-se crescer, vencia espaços incommensuráveis, passava gloriosamente sobre altos montes, ia em rápido voo sobre o mar tormentoso, para no fim parar em regiões serenas formadas de luz e melodia. Arreunhava as carnes procurando a realidade na manifestação da dor; inordia os punhos a ponto de fazer sangue; queria gritar e não podia; agarrava-se energeticamente à sua querida rabeça, n'uma esfusão de ternura, e o seu coração não se apasiguava nunca! O canto angelico suave crescia em profundeza, aumentava em ares — era como uma palpitação infinita. O cetro de José Domingues enchiu-se de castinho, o entusiasmo suffocava-o, aniquilava-lhe as forças. E lá era levado de novo, subindo até ficar sobranceiro às nuvens, conhecendo instantes de paz e de tortura, chorando, sorrindo, estorcendo-se no chão como uma cobra ferida.

Os bravos e as palmas d'esta vez foram mais estrondosos. Prolongaram-se porque era o agravamento final. Porém, todo esse ruido não pôde dominar um doloroso grito, torto como se sahisse do peito d'Othello n'um arranque de ciúme, meigo como se fora o ultimo queixume da rola Ophelia.

Picaram rapidamente silenciosos e perplexos os espectadores. Um soluçar ancião continuou, e para o lugar d'onde elle vinha se dirigiram as pessoas interessadas em tamacha dor. N'aquele beraco escuro, de brugos sobre a rabeça que esmagalhava, estava o cego Guardião, que não poderiam mais chamar à vida!

BENTO MORENO.



NO FIM DA MISSA

*Uma velha festeira valaiana.
(Vimioso, Encôdo, IV, v. 62.)*

O templo estava cheio, o bispo officiava; Um perfume subtil e cílico emanava Dos tharibulos de ouro, em novena, mansamente... Enchiam de tristeza o mysterioso ambiente... Da enorme cathedral repleta de arcarias, Os canticos finos e as velhas melodias Do orgão sacroento; andava pelo ar Um murmúrio subtil de vozes a relaxar... Na fria solidão dos nichos, das capellas, Entre a pallida luz tristíssima das velas E o morto vacilar das lampadas sagradas, Erguia-se com docura as frontes maceradas, Fitando a colossal abóbada do templo Co' os seus olhos mortos sem expressão nenhuma, Os martyres que a Egreja aponta como exemplo. Depois, já mais adiante, os santos e, em summa, Todo corte de céu inumeru, infinita. Inspirando-nos dô, chamando à oração,

— Esse fogo do céu que em todos nos crepita, — Como tipo de amor, de paz e de perdão, Uma imagem do Christo esplendida, admirável, Tendo sangue a escorrer da fronte venerável E abertos para o povo os magros braços nus, Parecia expirar do alto de uma cruz. Enorme de pão santo; as vozes dos cantores, Misturadas co' cheiro exótico das flores, Diffundiam-se no ar em ondas de harmonia... Na vasta cathedral tão imponente, havia Um trémulo rumor de uma frescura imensa, Que punha a nossa alma exatita e suspensa Na vaga adoração do belo indefinido... Era quando se ouvia a seda de um vestido, Rociando no lugado alvíssimo da egreja Co' o leve susseitar de um passaro que adoeja Pela primeira vez, ou quando, de repente, Ia morta de calor, — o que não era raro, — Uma dama elegante abria, docemente, O seu leque da China imponente caro. Em seguida, depois, tudo ficava quieto

N'um silêncio maior, mais profundo e completo. Outras vezes, soltando uns guinchos agudíssimos, — Guinchos de tal maneira estridulos e frios Que partiam de egreja os canticos suavíssimos, E faziam sentir na curva os arrepios Que sente uma mulher vibratil e nervosa Ao curvir, quando a aurora, as palpebras descerra, A mão d'um operário hercules e musculosa Co' uma lima apontando a folha de uma serra, — Rangia lá no fundo enorme guarda-vento

E abria-se uma porta: então, n'esse momento, Entravam pela egreja, aos bandos, como as aves, Raparigas do campo esbeltas e tormosas Que acordavam o echo oceanico das naves Co' seu riso infantil, que eram tão airosa Que faziam lembrar príncipes desfazidas, Tal era a gentilza alta do seu porto!

Seuelhantes na forma, à forma das arcadas, As janelas do côrto olhavam para o norte: Eram altas tumbas, rugudas, ogivas, E, como era no v'au, estavam entreabertas, De forma que se via as vozes os pardas, Voando, largamente, em curvas desaguisas, Nas campanas do azul enormes e desertas Cheias de lux do sol. Junto do altar mór, Revestido do manto imenso episcopal,

O bispo erguia a voz potente de tenor Nas arcadas sem fim da velha cathedral. Tinha-se dito a missa: o povo silencioso, Prostrado e reverente, humilde e respeitoso, Esperava que o bispo a bênção lhe deitasse: Se n'aquele momento uma mosca passasse Zumbindo pela egreja, ouviu-se-hia até! O bispo officiava altivamente, em pé, E o seu vulto distinto, — um tipo de beleza, — Na vasta cathedral cheia do povo a accessa Com lustres colossais, tinha um tom que ou nem sei Se o deya comparar à distinção de um rei... Com a grande bondade angelica dos velhos, O bom prelado então voltou-se, gravemente,



PARIS. — Arrestado contra o Presidente na República, no dia 5 de maio.



PARIS. — Os POLICIAS PROTEGENDO O ASSASSINO PERRIN CONTRA AS AMEAÇAS DA MULTIDÃO.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS ANNAMITES TRABALHANDO NA ESPLANADA DOS INVALIDOS.

P'ra enorme multidão que estava de joelhos
E levantou o braço... Então, subitamente,
Como se o risse um ralo,
Passou a mão esborrou e magrou pela testa
E foi cair no chão, vítima de um desmaio,
Sobre os degraus do altar!

E que, ao final da festa,
O bispo distinguia entre essa multidão
Que rezava aos seus pés contrita e arrependida,
Resendo ali também co' a grande devoção
De uma alma que sofrera, uma mulher vestida
De luto, cujo olhar sem luz, turvado e baço
E o rosto já sem cor, pallido como a cera,
Revelava a dor, a tristeza e o cansaço.
Cheio de horror, o bispo então reconheceu
N'essa mulher tão velha e exausta de chorar,
Que rezava encostada à hombreria de uma porta,
A mulher que adorara antes de se ordenar.
E que de ha muito já elle supunha morta.

Lisboa, 1889.

Eça de ALMEIDA.



A REVISTA DAS REVISTAS

A HYGIENE DO TRABALHO

O DUTOR E. Moquin acaba de publicar sob este título um muito interessante e útil volume prefaciado por mr. Yves Guyot.

Reproduzimos esse prefácio notável pelo seu bom senso e cheio de observações que indicam por parte do seu autor verdadeiro conhecimento da «questão social», a principal questão da nossa época.

A vida é a ação; os músculos ou os nervos tomam maior ou menor parte n'ella conforme o seu objecto.

A manobra é o trabalho dos braços das espaduas, dos rins ou das curvas.

O mecanico volta uma manivela, carrega sobre um pisão, dirige a sua machine e deixa-lhe fazer o esforço.

O progresso industrial consiste em substituir o esforço muscular pela direção intelectual.

Aqueles que citam os antigos tempos, que desploram haver passado, classificam a industria de «mono-touro moderno», e apresentam esta fonte de riquezas como cunhal de pobreza; é inegável porém que os trabalhadores, com bem menor esforço, produzem cada dia maior numero de objectos utiles de que em primeiro lugar tem a sua disposição reciproco, muito mais baratos que outrora, restando-lhe ainda uma participação cada vez mais preponderante na remuneração de mesos products. Os que proclamam o contrario provam simplesmente que acreditam em palavras, mas ignoram os factos.

O trabalho necessita e provavelmente sempre necessitará de um esforço, quer seja muscular, quer intelectual. Gasta as nossas forças conforme o meio em que se empregam, bem como a energia, segundo o esforço que este reclama.

Um subio no seu laboratorio, um escriptor no gabinete, um marinheiro a bordo, um mecanico junta à machine, é como o fuso, parte integrante de fiado, corre o risco profissional que mais ou menos lentamente se manifesta. Entre os misteres mais insalubres conta-se o do medico, pois todos morremos de que nos fiz viver.

A hygiene não impedia que morramos, mas pode contribuir a conservarmos as forças por maior espaço de tempo e permitir-nos atingir a velhice. A hygiene é a adaptação no meio em que vivemos.

Conhecem-se duas sortes d'hygiene: a hygiene publica e a hygiene particular. A hygiene publica tem um carácter positivo e outro negativo.

Os habitantes de um concelho, de uma parochia mesmo, devem buscar e preferir a agua isenta de toda a contaminação. Devem pagar as sommas necessarias para que os seus excrementos sejam transportados com a maxima rapidez para pontos distantes das suas habitações. Devem exigir que as suas ruas sejam varridas e regadas. As municipalidades incumbem tais cuidados collectivos. Cada habitante por si só não podendo resistir os, deve entregar a sua parte contributiva ao fundo comum para estes serviços d'interesse geral e indissociáveis. Eis o carácter positivo da hygiene.

Quando a hygiene se apresenta como instrumento de proibição, levantam-se então fortes dificuldades.

A mercê de um ou mais homens, cada um com suas teorias, paixões e até mesmo interesses, não suscitable também cada um um suficiente de erros pessoais maior ou menor.

Em que medida devem intervir os hygienistas na actividade social?

Eis um dos problemas mais graves dos novos dias.

VARIAZ NOTÍCIAS

Um medico americano acha de descobrir uma nova doença a que estão geralmente expostos os fumadores de cigarro.

Diz que a vista se obscurece, e que os olhos se cobrem de uma pellicula ténue que tornando pouco a pouco gradual espessura, acaba por produzir completa cegueira.

É provável que esta descoberta não intimide os fumadores, mesmo porque sendo o uso do fumo condenado de ha muito tempo, talvez por esse motivo, tem adquirido a atração de fructo prohibido.

X

Divórcios de 1867 a 1881. Houve nos Estados Unidos 328.710 divórcios judiciais, o que dá a media anual de 17.100 por anno, isto sem contar os officiosos que alli se contam por milhares anualmente.

X

Segundo as ultimas estatísticas officinais publicadas, a população dos Estados Unidos eleva-se a 61.702.000 almas. O primeiro aumento importante na população dos Estados deu-se entre os annos de 1860 a 1870, em que ali desembocaram sete milhões de emigrantes. No periodo de 1870 a 1880 — uns doze milhões de pessoas foram ainda aumentar a população normal.

A decade de 1870 a 1880, representa também um aumento de quinze milhões, não se contando em menos de outros quinze milhões o numero dos estrangeiros chegados áquelle paiz desde 1860 a dezembro de 1888.

X

Segundo diz o «Court Journal», os bairros centrais de Londres e a City serão brevemente iluminados a luz electrica.

X

O caminho de ferro do Pacifico conta entre muitas outras particularidades, o maior lanço em linha recta conhecido. Encontra-se ao sopé dos Andes; tem 350 kilómetros de extensão, não apresenta a menor curva nem atravessa riu algum.

A planície que percorre este caminho não possui florestas de madeira de bastante dura, faz com que as travessas sobre que assentam os rails sejam de aço.

Actualmente trabalha-se em ligar esta linha ao caminho de ferro Chileno, construindo outra sobre a vertente dos Andes.

X

Importação de fructos em Inglaterra. Eis os algarismos que este commercio atingiu nos cinco annos de 1883 a 1887:

1883	...	6.615.113 libras.
1884	...	6.924.863 "
1885	...	6.480.709 "
1886	...	3.977.531 "
1887	...	6.199.234 "

Não comprehende esta tabella as nozes que por si só representaram nos cinco annos citados cifra superior a um milhão de libras esterlinas.

Os paizes que maior contingente forneceram para tal volume de importação foram em primeiro lugar a Austrália e em seguida a Espanha e a Itália.

INSTRUÇÃO EM FRANÇA.

O numero das escolas primarias publicas não comprehende as escolas maternas, eleva-se a 70.145, das quais 13.000 são as escolas livres.

As classes publicas elevam-se a 94.375; e as livres a 33.004.

O total dos alumnos inscriptos em todas as escolas primarias publicas e livres, ligares e congregaçoes, exceptuando as escolas maternas, era em 1887 de 3.468.081; e no de 1888 elevou-se a 3.531.222; isto é, mais 61.142 do que o anno anterior.

As escolas maternas são em numero de 5.741.

O PHYLLOXERA.

Os vinhados de Portugal, segundo as inspecções efectuadas, acham-se disseminados em uma area total de 8.916.531 hectares, que os funcionários tecnicos do directorio geral de agricultura, conforme o disposto nos artigos 13.^o e 14.^o do decreto de 9 de dezembro de 1880, dividiram da seguinte forma:

Territorio phylloxerado.	3.437.542
suspeito.....	1.633.266
indesne.....	1.882.753

O que prefaz o total de 8.916.531 hectares, sendo 3.437.542 hectares para a circunscrição do norte e 5.478.989 para a do sul.

GRANDE MACHINA A VAPOR

A mais poderosa machine a vapor do mundo está na Pensilvânia, na fabrica de zinco de Friedensville.

O poderoso motor tem o nome de *Presidente* e é alimentado por dezenas de caldeiras e tem a força de 5.000 cavallos. Duplicando o numero de caldeiras, poderá desenvolver a força de 10.000 cavallos.

Não há em parte alguma do mundo bomba a vapor que possa rivalizar com essa monstruosa. A cada rotação levanta um volume enorme d'água. O numero de galões que levanta por minuto é de 17.500.

Funciona com regularidade admirável e consome diariamente 28 toneladas de carvão.

DEPOIS DA PREDICA

Na sacristia d'uma das nossas mais bonitas igrejas, o velho congo X..., uma antiga gloria do pulpito, aperto exclusivamente as mãos do novo vigário S... que no sermão de Vespas pronunciou um improviso magistral.

— Ah! querido amigo, tive immenso prazer em ouvii-o: eis ali o que se chama uma boa palavra evangélica da qual se colhem óptimos fructos. O amigo é um propagandista maravilhoso, como a Igreja deveria contar muitos.

— O meu querido mestre confunde-me, e por muito que eu faça não chegará nunca a altura do seu inimitável talento.

— Talento que desapareceu, meu jovem amigo.

— Gloria incontesta querido mestre! Mas qual foi o motivo que obrigou a renunciar tão cedo a prosseguir a palavra de Deus?

— Ai de mim! Infelizmente por causa d'um accidente muito vulgar: Os meus dentes cahiram todos repentinamente, e isso tornou-me a palavra pesada e a pronunciaçao difficil. Ah! jovem amigo, trate cuidadosamente dos seus dentes se, como eu, não se quer ver forçado a abandonar tudo o que é o espinho da nossa Santa Fé.

— Obrigado pelo seu conselho, querido mestre, embora elle chegue um pouco tarde. Ha muito que uso um elixir que tem propriedades maravilhosas de preservação.

— Qual é?

O Elixir dentífrica dos R. R. P. P. Benedictinos da Abadia de Soulac.

— Ah! sim... Ainda uma bella descoberta deses bons frades.

Agente geral: A. SEGUIN, BORDEAUX.

Preço de venda em França, Elixir : 2.4. 8, 12 e 20 francos;

Preço de venda em França, Pó : 1.25 e 3 francos.

Preço de venda em França, Pasta : 1.25 e 2 francos.

Encontra-se em todos os perfumistas, Gabeleiros, pharmacaceuticos, Droguistas, mercearios, etc.

AOS DÉPILATOIRES DUSSER

PATE EPILATOIRE para o rosto — PILIVORE para os braços

DUSSER, Inventor, 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau (Em face do Louvre)



— Vejo que a
sra. madame
tinha o rosto
Dusser.

— Sim, meu
caro Dr. o
método da
máscara
não serve de
barba...

— Graças ao Pilivore
não é mais
necessário
ter barba...

— Eu sou
muito des-
satisfied...

— E eu em
maravilhosa
discreção, para que não a gente
veja o resultado das
máscaras...

Dusser descolou
muito
Com a Pate e Pilivore
Tornar da barba
é impossível
é impossível
é impossível

— Não tem o menor tempo de permanecer que coloca os seus bra-
ços. Enfim, frascos a fazer inveja aos outros!

— Queres a veras? Vê a Farmácia Dusser e pede a Pate
Epilatoire e os pós de chuveiro.

— Com o Pilivore, Apolo não precisa com Vul-
cão.

— O Pilivore é pura creme da cutis a alívio — e
o Olímpo terá inveja da ti.

A PASTA EPILATORIA DUSSER

Destaco particularmente os Prêmios Dusser, obtidos, ilustremente, nos mesmos concursos que a maior parte das marcas de sucesso. GRANDES PRÊMIOS. Reconhecidos
nos Concursos, Prêmios de Fornecedores de matérias-primas requeridas, Medalhas de Mérito, etc., e aprovados por eminentes Entomólogos da Escola de Medicina, que aprovaram a sua eficácia e segurança. O PILIVORE é uso para os braços, os quais comumente deslumbra a luxura.

DUSSER, 1, Rue Jean-Jacques-Rousseau, PARIS; na Língua: GOUFROY, BENARD, Fernanda ESTACIO & C°, e nos principais Portuários de Lisboa e do Brasil.

DIGESTÕES
DIFÍCILS
Dyspepsia
Perda
de Appetite

DOENÇAS do ESTOMAGO

ELIXIR GREZ

TONICO - DIGESTIVO com: QUINA, COCA e PEPINA
ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS - Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra
PARIS - GREZ, 34, rue La Bruyère, e em todas as Farmácias

Em Grosso: M.M. CECILIN e Cia, 49, rue 4 de Julho

ASTHMA E CATARRHO

Curados
com os
CIGARROS ESPIC

Em França
2 mil CAIXAS
Opereadas, Tomas, Consiégne, Novarange
Em todas as Farmácias de Portugal e do Brasil. — PARIS, Venda por granel.
J. REPI, Rue St-Lazare, 30. Escrever esta designação sobre cada Cigarrilha.

Em todos os Perfumistas e Cabeleireiros
de França e do Exterior

A VELOUTINE

Pré d'Arros
especial
PREPARADO COM INSUMO
Por CHM. FAY, Perfumista
9, rue de la Paix, PARIS

EXPOSIÇÃO
UNIV. 1878
Médaille d'Or
CROIX de Chevalier
LES PLUS HAUTES RECOMPENSES

Nova Criação

PRIMAVERA
E. COUDRAY

Inventor da
PERFUMARIA ESPECIAL de LACTEINA
Tão agradável ao olho quanto

Sabonete PRIMAVERA
Óleo PRIMAVERA
Água de Toucador PRIMAVERA
Essência PRIMAVERA
Pó de Arroz PRIMAVERA

FABRICA E DEPOSITO:
PARIS 13, Rue d'Enghien, 13 PARIS



Casa De VERTUS Scours
ESPARTILHOS
PARIS 12, Rue Auber

FERRAMENTA D'AMADORES
E INDUSTRIAS
CANGALHO PRA CRIAR A APPARELHAR
COSTURA E CORTAR
Mais de 500000 de separadores
FERRAMENTA de todos os gêneros
para a sua Tafeta-Album com 250
páginas e mais de 100000
páginas e mais de 100000
TAFETAS, breves, roupas, etc.

